



X ENCONTRO ESTADUAL DO FÓRUM GOIANO DE EJA  
DE 02 A 04 DE JUNHO DE 2011  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFG  
Goiânia-GO

*Fórum Goiano de EJA - 10 anos de luta por Políticas Públicas  
para a EJA:  
o que queremos para essa educação?*

RELATÓRIO GERAL

A abertura do Encontro ocorreu no dia 02/06/2011, a partir das 18h, com a exposição de trabalhos dos educandos de EJA, em tendas culturais, no hall da entrada principal da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – Campus I. A partir das 19 horas, no auditório, houve a apresentação de um vídeo com imagens dos 10 anos do Fórum Goiano de EJA, atividade cultural com o grupo Ciranda da Arte e prosa com a professora Maria Margarida Machado, da UFG, a professora Vânia Olária, da SME de Goiânia, e educandos da EJA: *O que queremos para essa educação?*

Dando início à abertura, Dinorá apresenta os presentes:

- Professora Ana Flávia - Secretaria Municipal de Educação;
- Professora Carlita Velozo de Andrade – Diretora do Departamento de Educação da PUC-Goiás;
- Professor Cláudio de Melo da Universidade Estadual de Goiás;
- Dilma Terezinha - Diretora da Escola Municipal Coronel Getulino Artiaga;
- Grupo de Alunos - Escola Municipal Coronel Getulino Artiaga;
- Jesiel, Silvania, Maria da Silva - Representantes do Fórum das águas;

Logo após a Diretora da Faculdade de Educação, Miriam Fábila Alves toma a palavra e faz o acolhimento dos participantes. Agradece a participação dos presentes e diz estar muito contente com o Encontro, aponta que a Faculdade de Educação tem uma trajetória conjunta ao Fórum Goiano e é um enorme prazer receber os colegas que trabalham arduamente e de recepcionar o X Encontro, tendo ainda grande importância o tema em debate: “Políticas Públicas para a EJA”, não deixando de lembrar que além de tudo é um encontro comemorativo dos 10 anos do Fórum Goiano. “Sendo assim, o que dizer? SEJAM BEM VINDOS A ESTA CASA, SINTAM-SE DE FATO EM CASA, DENTRO DA UFG E DENTRO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO! Bem vindos e bom evento pra nós!!” - Miriam Fábila Alves.

Foi feita a leitura da Programação (apresentação de mesas, reuniões dos fóruns e rodas de prosas). É importante lembrar que tem se tornado uma tradição privilegiar momentos de diálogo entre os participantes sempre a partir das inquietantes temáticas que nos impõe a atuação na EJA.

Inicia-se então, o diálogo de abertura: “Os 10 anos de caminhada do Fórum Goiano de EJA – Desafios, Conquistas e toda uma história para a frente”. Com a palavra a professora Marcia Pereira Melo, representante da coordenação do Fórum Goiano para coordenar os trabalhos na mesa, também a professora Maria Margarida Machado da UFG, professora Vânia Olária da SME e a educanda Maria José da Costa Dantas de Oliveira da Escola Estadual Maria Joana de Jesus, aluna da 2ª etapa.

Seguindo com o evento foi apresentado ao público um vídeo contando um pouco da história desses 10 anos de Fórum.

Márcia toma a palavra, dá início a discussão de abertura, e considera interessante como as questões do Fórum vão se constituindo. Dá uma breve explanação na história de constituição do Fórum, em 1999, no Encontro de Jovens e Adultos, no Rio de Janeiro e aqui na UFG / FE juntamente com Secretária de Estado presente nesse encontro cria uma gestão em prol do Fórum. Ele só é constituído em 2002 com a participação de dois municípios (Goiânia e Senador Canedo), com a Universidade Federal e a Universidade Católica e do Conselho Municipal de Educação, por isso ser relevante dar honra a essas entidades que esforçaram para fortalecer a Educação de Jovens e Adultos aqui no Estado de Goiás. Ela faz citações a entidades que acolheram e foram acolhidas pelo Fórum, tais como: Conselho Municipal de Aparecida e Senador Canedo, pesquisadores de EJA, Fórum de Economia Solidária, os Fóruns Regionais de EJA, IFG, MST, Recid, SEE, SME de Caldazinha, Silvânia, SESI, Sintego, UNCME. Cita também algumas entidades que foram importantes em alguns momentos: Programa Vagalume, FUNCEF e outras entidades.

Ressalta que a União, o trabalhar e tomar decisões juntos têm sido as características marcantes do Fórum desde o momento de construção, então essa construção coletiva é que tem sido o marco de todos os momentos. Citou também alguns momentos importantes de participação do Fórum que serviram de fortalecimento para a Educação de Jovens e Adultos: 3º MOVA, discussão com a resolução 260 onde houve revisão de algumas questões que foram levantadas, II Seminário de Formação de Formadores, Encontros Preparatórios à VI CONFITEA.

Arrisca-se fazendo citações a nomes importantes nesse processo de construção: Professora Alda Maria Borges, Mariza Claudinho, Cláudio Melo, Maria Margarida Machado, Maria Emília, Cláudia, Esmeraldina, Dinorá, Janaína, Sérgio, Valciano, Heber, Marcos Otoniel, Jesiel, Mariana, Marilurdes, Cida, Helimar, Thelma, Ana Flávia, Alba Valéria, Educadores, Educandos como a Sueli, Sônia, Vera Lúcia e expressou sua felicidade por encontrar essas pessoas humanas para ajudar nessa caminhada.

Vânia Olária toma a palavra já agradecendo pelo convite, iniciando sua fala a partir de uma reflexão sobre “Os diferentes significados para a Educação de Jovens e Adultos”. A EJA no Plano Nacional de Educação inserida apenas em duas metas parece não muito estratégico, mas também não insignificante. Podemos entender mais isso com a ajuda de professoras pesquisadoras que participaram ou tentaram participar ativamente da construção do Plano Nacional de Educação: foi a partir daí que ela iniciou o processo de compreensão dos diferentes significados para a EJA.

Cita a SME de Goiânia como tendo uma visão diferente para educação de jovens e adultos, pois ela reconhece que as pessoas têm direito à escolaridade mesmo que tardia. Em 2009 ela teve acesso a uma versão preliminar da

Proposta da Secretaria Municipal de Educação, onde esta declara que as dimensões político e pedagógicas encontram-se num mesmo nível de importância. Essa versão retoma as lutas dos movimentos sociais para as discussões específicas sobre essa modalidade. A década de 90 caracterizou-se na SME como um período de lutas, e mesmo nesse contexto ela busca assegurar os direitos desse agrupamento social no que se refere à escolarização.

Em 1992 foi criado um grupo de Estudos para a Política de EJA em parceria com a UFG, onde em 1993 foi incorporado o projeto de Alfabetização e Cidadania, numa modalidade experimental desenvolvida apenas dentro da universidade e que foi expandida pela rede com recurso do tesouro municipal.

Em 1994, depois da implantação do projeto, foi desenvolvido um processo de reflexões sobre mudanças para a EAJA, buscando adequar-se a realidade dos alunos, com a presença de adolescentes no ensino noturno. Em 1998 iniciaram-se as plenárias de discussões para a base paritária implantada em 2000. Em 2001 essa base paritária adquiriu mais importância na rede, onde se criou o ensino fundamental para a EAJA.

Os três anos seguintes, de acordo com o texto, foram caracterizados pelas discussões coletivas escolares, inclusive com os servidores administrativos em busca de mudanças e melhorias para a modalidade.

Depois dessa explanação, a professora Vânia segue contando os significados de suas primeiras experiências com a EAJA. Dava importância aos progressos e avanços que acontecia. Quando começou a integrar esse conjunto de educadores do noturno, percebeu a realidade dos educandos, inclusive as más condições de vida dos trabalhadores brasileiros em geral, a fundamental flexibilidade do horário de entrada devido a uma série de fatores como: carga horária brasileira de 45 horas semanais, acesso a transporte coletivo precário, sendo permitida a entrada até por volta das 20:00 horas. As aulas deslocavam de dias e horários das matérias, não prejudicando, assim, uma ou outra disciplina, o que era de enorme significado para o aluno, flexibilizando assim a frequência. Foi então se constituindo pontos positivos aos alunos da EAJA, tais como: Antes tínhamos quase as mesmas matérias tanto para o turno matutino quanto para o vespertino, logo após passam a surgir matérias específicas para esse sujeito e juntamente discussões específicas para as matérias pedagógicas, para o tempo e sobre a avaliação. Outro avanço considerável é com relação ao lanche. Com a EAJA foi instituído o jantar para os alunos do noturno que atende as necessidades básicas das refeições, geralmente arroz, carne, feijão e salada. Cita ainda os avanços pedagógicos compartilhado com professor, coordenação pedagógica e direção. Tempo reservado de planejamento e de formação continuada garantida pelas Diretrizes também foi citado como progresso.

Encontra dificuldade e perspectivas na heterogeneidade da sala, de alunos que procuram na escola um caminho para livrar-se até mesmo do alcoolismo. Enfrentam desafios, entre eles encontrar a relação entre os conhecimentos escolares e o mundo do trabalho. Como contribuir para uma educação realmente humanista, para que o ser humano possa ser mais? Com relação à quantidade de professor no sistema alternativo, como dizer de um professor de Arte ministrando Educação Física ou vice versa? A quantidade está intimamente ligada à qualidade. Como garantir formação continuada específica para professores de EAJA? E a carga horária do professor? Os baixos salários e condições precárias? Para o desinteresse e falta de compromisso dos alunos? Um caminho seria colocá-los em órbita para encontrar o ponto deles. Para o caso de adequações metodológicas? Um caminho seria falar da linguagem dos alunos e criar um currículo mínimo para atender essas necessidades.

Mas como enfrentar isso? O caso da evasão escolar, presente devido a cargas horárias exaustivas dos alunos? Um caminho seria a ajuda de custo para os alunos trabalhadores.

O que fazer? Parece que o chão da EAJA está construído sobre desafios.

O fórum para ela se constitui em um ponto de encontro de irmãos intelectuais, mesmo com as eventuais diferenças, é um lugar para reflexões profissionais e fortalecimento para os professores que participam. Finalizando fez agradecimentos a colegas que a ajudaram a compor a fala, ressaltando que foram conversas bastantes proveitosas e termina com um desafio: Como ampliar para que os professores tenham mais acesso ao Fórum Goiano de EJA?

A educanda Maria José da Costa Dantas de Oliveira da Escola Estadual Maria Joana de Jesus, aluna da 2ª etapa toma a palavra. Assim como a Professora Vânia Olária falou sobre seus desafios como professora, a educanda também apontará alguns desafios enquanto estudante.

Começa falando do desafio de freqüentar uma sala de aula depois de um dia exaustivo de trabalho, elogia o incentivo que certos professores têm para com os alunos que freqüentam as aulas. Aponta a tristeza de chegar e uma sala de aula e arrepende-se de não ter estudado como criança. “Tudo pra nós é novidade”.

Muitas coisas vêm melhorando com esses 10 anos do Fórum, tais como livros didáticos para a EJA, o ensino como um todo. Fala de como sua realidade mudou: antes quem acompanhava era a enxada e há quatro anos e meio ela trocou a enxada pelo lápis! Agora ela é uma educadora social, concursada. Sua vida transformou depois do ensino da EJA, e pede que esse ensino não pare, porque é muito importante para as pessoas jovens e adultas que precisam. Aponta ainda que o número de escolas é pequeno e a distância é muito grande. Finaliza agradecendo a oportunidade de estar compondo esse fórum goiano.

A fala é passada então, para a professora Margarida, que agradece a honra de “estar compondo uma mesa tão feminina”. Depois de todas as falas resta pouca coisa para se colocar nesse momento de memória.

O fórum nasceu de uma crise que levou tempo para amadurecer. Qual era essa crise? O Brasil estava se organizando nacionalmente juntando professor, aluno, gestor, instituições, movimentos sociais lutando pela EJA, e aqui em Goiás não conseguíamos juntar nosso fórum. O fórum eram pessoas militantes, juntando forças para lutar pelos direitos, mas isso não era suficiente, o fórum tinha que ter alguma representatividade para se chamar assim, o que levou tempo para se consolidar. Então essa questão de quem vai ser fórum é, sobretudo, de uma decisão de uma concepção de educação. O fórum goiano é uma constituição de vários segmentos, é uma rede que, às vezes, esta mais fraca ou mais forte, mas nesses 10 anos devemos nos perguntar que educação de jovens e adultos estamos defendendo?

Aponta a dificuldade de trazer educando para os encontros, até mesmo pelo horário e formato do encontro. De os parceiros não ajudarem somente financeiramente e sim estar presentes participando das discussões que são fundamentais para o processo. Mas o que é ser Movimento Social no Fórum de Educação de Jovens e Adultos? Assim, fez retomadas as temáticas do fórum que estão ligadas ao vídeo apresentado no encontro. Aponta que se têm dez encontros sediados pelo município de Goiânia, sendo que o estado tem 246 municípios, será que isso está certo? A pergunta é: “Que EJA é essa?” “Como nós estamos tratando a EJA?”.

Não tem como pensar os 10 anos do Fórum, tendo o princípio da educação como direito, sem reconhecer um outro princípio que é o Trabalho Coletivo. Então a gente insiste em aprender e fazer coletivo porque não acreditamos na genialidade individual.

Temos feito muitas coisas, fizemos muitas coisas, até tecnologicamente evoluímos grandemente agora com o Portal. Inventamos muita coisa, mas ainda não é suficiente e as matrículas de EJA continuam caindo nas escolas. E isso só faz sentido, a carga horária dos professores só tem sentido se existir de fato esse retorno do aluno para a escola, ou não estamos cumprindo com aquilo que é o nosso papel. Ainda temos muitos desafios a serem atingidos e eles são para todos nós e para todos os nossos segmentos. O que houve de mudança em relação à EJA nesses 10 anos?

Na manhã do dia **03/06/2011**, das 08h às 11h e 30min ocorreram três mesas temáticas simultâneas. A proposta das mesas temáticas desse encontro foi a de apresentar produções acadêmicas (monografias, dissertações, teses e/ou outras pesquisas ou trabalhos realizados ou em andamento), bem como trabalhos sistemáticos e significativos realizadas no universo da Educação de Jovens e Adultos. Todas as mesas foram realizadas nos Centros de Aulas da UFG. A Mesa Temática Mangaba, intitulada *A EJA e o mundo do trabalho: pontos e contrapontos*, composta por Lênin Tomazett Garcia (Pesquisador de EJA/UFG), coordenadores e debatedores Sebastião Cláudio (IFG) e Cláudia Borges Costa (SME de Goiânia); a Mesa Temática Gabiroba, denominada *A organização da EJA na SME de Goiânia e na Seduc-GO: pontos e contrapontos*, contou com a presença da Equipe da SME e da Seduc, coordenadora e debatedora Prof<sup>ª</sup> Maria Emília (UFG); a Mesa Temática Ipê, intitulada *O lugar da EJA no Plano Nacional de Educação: pontos e contrapontos*, com a

exposição de Maria Margarida Machado (UFG), Alba Valéria L. Laura (SINTEGO e CME), coordenador e debatedor Prof<sup>o</sup> Hudson Lustosa (UFG).

a) A Mesa Temática Mangaba, intitulada **EJA e o mundo do trabalho: pontos e contrapontos** -

**Cláudia Borges:** Apresentações, cumprimentos, expectativas.

A mesa "Mangaba" não é nova, as interações passadas já sinalizavam para a importância da EJA com o mundo do trabalho, do 5º encontro do fórum até o 10º encontro a preocupação com tema é real.

Composição da mesa: LÊNIN Tomazeti da Silva, Prof<sup>o</sup> Sebastião Cláudio

**Prof<sup>o</sup> Esmeraldina:** Informes e encaminhamentos para esse dia do fórum:

**LÊNIN Tomazetti:** Informa aos presentes que para essa sua apresentação só falará de sua pesquisa, talvez, ao final, pois acha 'chato' ouvir apresentações de pesquisas. Vai falar de EJA e mundo do trabalho, de forma mais sistematizada, no primeiro momento, e depois volta e recomeça a mesma trajetória de sua fala, mas com as discussões dialogadas.

Chama a atenção para o fato de que quando falamos de educação usamos conceitos sem refletir sobre seus fundamentos e significados. Usa o exemplo do IDEB, que é tão citado e, no entanto, não tem mais validade, pois já se sabe que trata-se de uma falácia. No caso do conceito "mundo do trabalho", trata-se de uma expressão utilizada no sistema SESI, mas não reflete as problematizações. "Palavras soltas complicam nossas vidas, se não se reflete seus fundamentos".

Para isso, sobre o mundo do trabalho, LÊNIN diz que podemos refletir sobre a relação do homem com a natureza e a relação do homem na sociedade.

**LÊNIN**, citando Martins, explica o mundo do trabalho e seus diferentes significados na história da civilização e conclui que o que se pensa hoje sobre o trabalho é diferente do passado e que esse pensamento está em constante transformação. E que isso é muito complexo, tanto que quase não dá para explicar. Por isso, usa a idéia da Mangaba, que é o nome dessa mesa, para tentar desenvolver o assunto.

Mangaba e a natureza; mangaba e a indústria; mangaba e mundo simbólico (a festa da mangaba). Significados são construídos para a mangaba e a mangaba pode ser a própria vida para pessoas. LÊNIN apresenta um projeto, em Sergipe, com catadoras de mangaba. Discute a sistematização e nomenclatura das profissões e conceitos do trabalho, a partir de elaborações sobre as atividades que são exercidas de forma espontânea, pelas pessoas, em suas relações com a natureza.

**LÊNIN** discute como quando pensamos em trabalho, hoje, muitas vezes pensamos diretamente em emprego. Mas, no caso das catadoras de mangaba, existe trabalho, mas não existe emprego, semelhante aos nossos alunos de EJA. Pensar no emprego está muito naturalizado, mas nosso aluno de EJA não está formalmente empregado, não fez concurso, não tem plano de saúde, e está em um trabalho muito próximo do trabalho primitivo. LÊNIN chama a atenção para a necessidade de estranharmos o nosso aluno para conhecê-lo melhor. Fala do PROEJA, que estudou em sua pesquisa de mestrado. Ali, as reflexões são para a necessidade de que os alunos de PROEJA sejam incluídos no mundo do emprego e o Proeja busca a integração do ensino regular com a iniciação profissional. Mas esse programa ainda está em uma fase muito incipiente; afirma a tese de que esse vai se consolidar, por se constituir em uma proposta com integrações positivas. O PROEJA não funcionou por questões políticas locais e nacionais. Para terminar, reflete sobre a necessidade de estranharmos a realidade de alunos de EJA, para conhecê-los melhor. Os alunos não necessitam da escola para trabalhar, em sua maioria. mas a situação é complexa, pois existem outras situações, diferentes entre si, nas relações da EJA e o mundo do trabalho.

**Cláudia Borges:**

Reflete sobre algumas questões trazidas por LÊNIN, de forma crítica, descrevendo sobre as questões do mundo do trabalho a serviço do capitalismo. Cita Luckacs, explicando essas formas penosas, alienantes e desintegradoras para o ser, em conceitos do mundo do trabalho.

Reflete também sobre possíveis equívocos de histórias do trabalho, como o sentido de ludicidade para o homem primitivo, conforme o discutido por LÊNIN.

Cita o exemplo da mangaba (da fruta ao picolé) e fala sobre como o trabalho hoje exige muito de coordenações cerebrais, mais do que de esforços manuais.

O contraponto que faz sobre a fala de LÊNIN é que o aluno da EJA está na escola também pelo trabalho, sim. Cita o exemplo da aluna de EJA que participou da mesa de abertura, ontem.

Cláudia apresenta a seguinte questão: a falta de mão-de-obra qualificada, anunciada veementemente em nossa sociedade, principalmente pelos jornais. As discussões de EJA devem abarcar essa questão. Como deve ser a formação para o

trabalho, em EJA. Explica as noções de Gramsci para formação integral do ser, em sua totalidade, para um mundo do trabalho. E no chão da escola, isso é possível de ser feito? Mesmo que não saíamos daqui com essas respostas, esse lugar é um espaço para essas discussões e encaminhamentos.

#### **Participação da plateia:**

\*Alunos que estão na EJA mas que tem um bom salário, as vezes mais do que os professores. Alunos que ganham mais do que outras pessoas com mais estudo.

\*O fortalecimento do currículo, como necessidade premente;

\*Explicam a falta de pessoas qualificadas e, ao mesmo tempo a falta de pessoas que querem trabalhar em serviços braçais, pelo fato de pessoas que, ao terminarem o ensino médio, algumas pessoas não querem atuar em trabalhos 'mais humildes', como trabalharam seus pais, por exemplo, na construção civil. Qual é essa formação que queremos para EJA, qual é o currículo?

\*Trabalho e mundo da EJA: qualificar-se ou cursar a EJA, mas sem interesses para o mundo do trabalho formal: constitui-se em realidades diferentes de busca de crescimento e dignidade.

**Cláudia** retoma a palavra e reforça a idéia da não naturalização de noções para a EJA, e reforça a necessidade de nos abirmos para discussões importantes, como a currículo, profissões, etc.

#### **Sebastião Claudio:**

Ressalta a fala do Lênin, como discussões importantes e de fácil entendimento, com sua apresentação.

Apresenta a questão: o que queremos com a modalidade EJA? Deveria ser ACABAR com ela, pois suas necessidades nascem no bojo de descasos brasileiros para a educação, o que é justamente a origem da existência de EJA. Pensa em um dia em que a EJA não será mais necessária, assim como um dia em que não haverá mais luta de classe. Mas enquanto esse dia não chega, devemos lutar.

Fala sobre a valorização da educação como algo recente no Brasil, mesmo assim, essa 'valorização' relaciona-se às necessidades do capital e não como uma necessidade de desenvolvimento pleno do ser.

**Sebastião** cita uma reflexão que apresentou no IFG, sobre o trabalho: as diferentes necessidades e significados que o homem tem com relação ao trabalho. Com isso, busca situar duas diferentes situações de sujeitos de EJA localizadas nos "Reinos da necessidade" e no "reino da liberdade".

Mundo do trabalho e EJA: retoma a fala de Lênin de como a expressão "mundo do trabalho" poder ser usado para o bem e para o mal do trabalhador. Sebastião questiona essa noção, dizendo que quem usa essa expressão é diferente de quem usa a expressão "para o mercado"

Diz que o sistema S, com o qual o IFG é parceiro, tem essa preocupação de uma formação omnilateral, usando a expressão "mundo do trabalho", diferentemente de outras pessoas que a usam para 'engabelar'.

Concorda que os alunos de EJA precisam da formalidade e garantias dos direitos do mundo do trabalho – empregos formais – para inserir-se na sociedade. Mas chama a atenção para as pessoas mais idosas, que não almejam o mundo do trabalho.

Fala da necessidade de que se combata a visão tecnicista que desvaloriza as disciplinas de formação geral, supervalorizando as de formação técnica, em um curso de técnico em alimentação, por exemplo. Declara que no próprio IFG se pode encontrar tais posturas político pedagógicas.

Novamente, Sebastião fala da necessidade de superarmos a modalidade EJA, mas enquanto o lugar de EJA for necessário, é necessário compreender as especificidades dessa modalidade de educação.

No IFG está acontecendo uma luta para os cursos de PROEJA, onde atualmente só conta com apenas um, o técnico em cozinha. Existem forças contrárias também no IFG, que consideram o Proeja "feio" e que até engorda.

**Cláudia** retoma, chamando a atenção para a importância dessa relatoria, para os registros e desenvolvimento dos encaminhamentos desse fórum. Organiza as inscrições para as falas, que já somam um total de cinco inscritos.

**Cleudiva, de Mambai:** Está cursando pós-graduação e é uma egressa da modalidade EJA. Fala de sua identidade pessoal como um aspecto importante para as reflexões sobre a importância e o valor da EJA.

Fala da identidade profissional de todos os trabalhadores de EJA, e não apenas para os professores. A importância das identificações de todos os envolvidos em EJA, com suas especificidades, para as qualidades que se quer para a modalidade.

Fala também sobre a falta da priorização dos recursos para a EJA.

**Sugestão:** aproximações com discussões e publicações do Sintego, como a revista do Profuncionário.

**Deusair:** Citações apenas teóricas de suas falas devem fazer Paulo Freire revirar em sua sepultura.

Falas de desafios de EJA relacionados as más condições sociais dos trabalhadores, sua falta de autonomia e das opressões na escola; chama a atenção para a exclusão dos administrativos para as discussões de EJA. Fala da exploração institucional dos servidores administrativos e do aumento da carga horária para os trabalhadores, votada recentemente pelas diversas instâncias do legislativo brasileiro.

Fala da violência que os profissionais da educação sofreram com a última greve, em Goiânia.

O mundo do aluno enfrenta essas realidades, que estão sendo desconsideradas. Cita Paulo Freire, discutindo a alienação dos próprios professores diante de um papel que também é seu papel: contribuir para a construção da autonomia do aluno.

**Sugestão:** Encarar esses desafios de frente.

**Rafael:** agradece a todos os palestrantes, inclusive os da mesa de abertura, ontem, e coloca sua questão: entender melhor esse mundo do trabalho (ele é professor e coordenador na SME).

Pensa que apresentações sobre o mundo trabalho, baseadas em teorizações investigativas, explicam e ajudam a dar significados as nossas discussões para EJA.

Pensa que o PROEJA FIC, que é uma proposta pioneira, é positiva, mas 'tem que se colocar o pé o chão para ele ainda'.

Pensa que este programa pode ser mais uma opção de redefinição de EJA.

Pensa que em Goiânia, a evasão pode ser dialogada de forma diferente: como dialogar com uma Bernardo Saião, por exemplo? Como fica a questão de reivindicação dos direitos trabalhistas, junto a seus patrões, por parte desses alunos, por exemplo?

**Sugestão:** Buscar a associação do Projea Fic com a Economia Solidária

**Mara:** direciona sua fala para Sebastião Cláudio.

Por que os alunos voltam para a escola? Por que o sistema cobra isso deles, não é por causa de alguma motivação pessoal. Diz ser sua realidade, vivenciada com seus alunos.

Ressalta os inúmeros sistemas excludentes que acompanham os alunos. Por exemplo, o sonho de um lavador de carros do IFG, seu aluno (Reginaldo), que pensa em estudar para ser diretor do IFG. São vítimas e continuam sendo vítimas, na sociedade. Não têm lazer na vida dessas pessoas, os seus alunos. A aprendizagem é desenvolvida dentro desse contexto. Um contexto também caracterizado pela discriminação e pela vergonha que os alunos sentem, com as diversas situações de discriminação as quais enfrentam, em seu dia a dia.

**Luis Mauro:** quer concordar com duas coisa que foram colocadas – a situação de que existem alunos que saíram da escola por causa do trabalho, voltam por causa do trabalho e saem novamente por causa do trabalho. Essa situação é vivenciada por ele, em sua escola. Chama atenção para o fato de alguns professores contribuírem para as dificuldades, por não saberem lidar com situações de EJA.

Fala sobre o IDEB e de como sua política é perversa e opressora. Fala da situação a qual a Rede Globo relegou sua escola, em rede nacional: a pior escola do Brasil. A reportagem desconsidera especificidades importantes para uma avaliação mais humana para a escola e que muitos profissionais até choraram, por causa da reportagem, que desconsiderou as ações que estão sendo empreendidas para as melhorias que se quer. Fala da falta de responsabilidade dessa avaliação realizada pelo programa de TV. Fala da carência social do público alvo, que foi negada pela reportagem que descreve uma situação irreal de pessoas com mais condições. Fala como as pessoas da escola não se identificaram com a escola que apareceu na reportagem e como aquela escola não é a escola real deles.

**Lúcia (Valparaíso):** Participa dessa mesa já a alguns encontros passados. Preocupa-se com mudanças necessárias. Reflete sobre a quantidade de ex-alunos seus que, mesmo tendo avançados em seus estudos, continuam desempregados. Preocupa-se com isso e anseia por mudanças. Chama a atenção para o fato de que para se trabalhar com EJA tem que se ter mais responsabilidade: Como seria mesmo relacionar esse mundo do trabalho, de forma mais positiva para esse aluno? Por exemplo, a grade paritária tem 10 anos que foi elaborada e até hoje não mudou.

**Luiza:** fala dos amparos legais que apoiam a EJA e quer saber se esses âmbitos legislativos têm autonomia para construções curriculares. Pensa que a falta de autonomia para a escola construir suas matrizes curriculares e as unificações e orientações gerais prejudicam a gestão da escola e também causam evasão.

**Antônio:** fala da naturalização das desigualdades e inferiorizações sociais, que oprimem as pessoas de EJA.

Fala que a lógica neoliberal é cortar dinheiro e baixar verbas para a educação e que nossos interesses estão contra interesses de outras áreas brasileiras.

Fala da necessidade de formação integral para os estudantes e reflete sobre a hierarquia entre as profissionais: Por que o engenheiro vale mais que o pedreiro...? Pensa que deve ter mesmo aula de filosofia para os pedreiros.

Antônio concorda com a Deusair que Paulo Freire é citado demais, em vão. Pensa que as ideias de pedagogias progressistas (anarquistas ou de esquerda) são importadas, mas para o seio da escola burguesa e para legitimações de um sistema excludente.

Preferia ver Reginaldo como diretor do IFG do que um Fernando Henrique Cardoso em postos de decisão, no Brasil.

Fala da exploração a qual os professores e trabalhadores da educação na SME e de como são responsabilizados, estrategicamente, como culpados da dita falta de qualidade da educação.

Fala da divisão da educação entre pobres e ricos. Pensa que não deveria existir essa divisão, mas sim escola pública para todos, ricos e pobres.

Pensa que as noções de competência e eficiência são características relativas e que estão a serviço da opção de classe e opção política dos sujeitos que a desenvolvem.

### **Sebastião Cláudio**

Fala da impossibilidade de respostas para todas as participações.

Para Luiza, Sebastião responde que existe a autonomia para a construção de matrizes curriculares na escola. Existe uma autonomia, mas essa sempre é uma autonomia relativa. A nossa autonomia não é como a do passarinho, mas sempre fruto de avanços e a busca de brechas, nos sistemas.

Fala sobre o Reginaldo e de como, talvez ele pudesse ser um bom diretor para o IFG. Mas que isso não fosse caracterizado pela dimensão da vaidade pessoal, mas ser diretor como gente.

IDEB: Sebastião Cláudio pensa que a escola deve sair-se muito bem no IDEB e, mesmo assim, falar muito mal do IDEB.

Pensa que o IDEB não representa mesmo a escola, mas as escolas não podem se negar a isso. Deve se ter malícia e saber condená-lo, questionando-o. Ele degrada, meritocratiza, pois vai contra o que se quer: uma horizontalização.

Quanto aos administrativos, Sebastião pensa que já foram mais invisíveis e que isso deve melhorar mais ainda e que a luta dos opostos continua.

Projeja Fic e Economia Solidária: Sebastião cita uma reportagem na revista Planeta, "Cidades em Transição", que enfatiza o desenvolvimento da vida na urbes como o fortalecimento da vida comunitária. Como se fortalecer (a EJA) pelo bairro, pelas relações diversas da comunidade local.

**Lênim:** diz que mídia e fez um recorte para essa sua próxima fala: a falta de qualificação dos trabalhadores e a recusa em ter a mesma profissão do pai.

Recusa em trabalhar como pedreiro: em nossa história foi criada a noção de que quem pega em enxada é inferior. Disciplina de filosofia é importante para a formação ética do trabalhador. O conhecimento técnico não é a única necessidade para a formação e a formação escolar nem dá conta dos conhecimentos técnicos suficientes para a formação.

### **b) A Mesa Temática Gabiroba, intitulada A organização da EJA na SME de Goiânia e na Seduc-GO: pontos e contrapontos**

**Apresentação pela Seduc:** Joana Maria Malta Monteiro e Nilza da Consolação Lopes.

Partiram do diagnóstico para compor o currículo por áreas – linguagens e códigos – sendo ouvidos 4 pessoas da equipe gestora por escola; 9 professores; 5 administrativos; e 20% de alunos quando também foi levantado o perfil dos educandos e educadores de EJA.

As/os educandas/os são homens e mulheres trabalhadoras/es ou desempregados, moradores urbanos periféricos, marginalizados socioeconomicamente e educacionalmente. A idade dos educandos por nível e etapas. Também foi levantado o perfil dos professores: graduados, trabalham em três turnos; não atuam exclusivamente na modalidade.

A partir do diagnóstico:

- as matrizes de habilidades para a 1ª e 2ª etapa já foram construídas;
- a matriz da 3ª etapa, que corresponde ao ensino médio, será construída. A fundamentação da Proposta curricular está nos PCNs.

Os professores fizeram um grupo de estudo para fazer as alterações do que permanece ou não na matriz, para fazer um recorte da matriz/diretrizes. Princípios norteadores: valorização sociocultural; valores de justiça; desenvolver a



autonomia; garantindo-se as funções da EJA - reparadora, qualificadora e equalizadora - pautada no Parecer Jamil Cury. Uma reivindicação é o aumento das aulas de português e matemática; e alteraram a matriz com foco nas habilidades.

Quanto ao livro didático só a 3ª etapa ainda não foi contemplada, adquiridos com recursos do FUNDEB e o Programa PNLD-EJA. Tem ainda uma reserva técnica. Realizaram o I seminário de Reorganização Curricular. A reorganização curricular ocorreu por área – p. ex. linguagens, matemática e tecnologias etc. -, contudo a formação dos professores ainda é por disciplina. A organização do trabalho diário é de 3 horas, de 2ª a 5ª feira e a 6ª feira é destinada ao plantão pedagógico. Para realizar o plantão pedagógico a escola precisa se organizar; assim como é nele que faz a recuperação paralela; bem como o Projeto Interdisciplinar.

Há uma dificuldade: quanto à 2ª e 3ª etapa, não é possível atender o que determina o Conselho Estadual de Educação, com 3 horas diárias, de acordo com o número de disciplinas estabelecidas.

**Apresentação da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia:** Márcia P. Melo e Ana Flávia Pereira

A implantação da EJA na rede, com uma concepção específica foi com a Maria Helena Café, em 1993. A proposta pedagógica parte do perfil dos sujeitos da EJA (alunos, professores, apoios, gestão e administrativos), a concepção dialético e dialógico para a formação do educando.

Os documentos base para a elaboração da proposta com os educandos: Constituição/1988; LDB 9394/96; Plano Municipal de educação, V Confitea; Parecer 11/2000 de Jamil Cury. E para a proposta curricular de EJA foram utilizados como referenciais teóricos: Paulo Freire, Vygotsky, Marta Khol de Oliveira, Inês Barbosa, Vera Candau. A discussão teórica nos faz avançar na nossa proposta.

Os princípios são: trabalho coletivo e trabalho enquanto princípio educativo; conhecimento enquanto construção conjunta; linguagem como constituidora da identidade enquanto metamorfose (que se constitui e modifica ao longo do processo); aprendizagem. Os eixos norteadores são: identidade, cidadania, trabalho e cultura.

O currículo não está previamente descrito, ele é construído na escola, por ela a partir de um diagnóstico, sendo que a linguagem perpassa todas as áreas. O currículo está organizado em forma de temas geradores, eixos temáticos e projetos de ensino-aprendizagem. Algo importante é garantir a formação do professor.

A estrutura da SME de Goiânia na EJA atende:

- o Programa AJA Expansão/Brasil Alfabetizado (em parceria com o governo federal), cujo valor da bolsa de ajuda de custo que o educador popular recebe é pequena. A formação inicial e continuada desse educador é realizada em parceria da SME e FE/UFG.
- No primeiro segmento de 1ª a 4ª séries, há o atendimento pelas turmas de extensões de uma escola, em espaços não escolares. Antes (2002 a 2009) essa forma de organização cumpria as 800 horas e os duzentos dias letivos do ensino regular, sendo 600 presenciais e duzentas com atividades complementares, e foi transformado em modalidade EJA. Ainda que o FUNDEB garanta apenas o valor aluno EJA de 0,8. Os benefícios desta passagem são: ter livro didático específico para a modalidade EJA, consumível e não participar das avaliações do INEP.

**Fala: Profª. Dilma**

O olhar da escola

Dilma informa que irá expor sobre os desafios e as dificuldades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na implementação da proposta da Rede Municipal de Educação de Goiânia, a partir da realidade da Escola Getulino Artiaga e a experiência vivida na pesquisa de mestrado.

A Escola atende em dois turnos: vespertino de 1ª à 4ª série, noturno de 5ª à 8ª série. O foco da EJA é: ter acesso aos saberes; tem que ser trabalhado a partir da realidade do aluno; não é fácil representar sua realidade e perceber a realidade do outro. Esse olhar é o que deve acontecer.

Metodologia apresentada na proposta: tema gerador x pedagogia de projetos. Tema gerador advindo do referencial pautado em Paulo Freire; Pedagogia de Projetos assentado em Dewey e Piaget; ou livro didático.

*“É difícil, foram cinco anos montando a proposta no diálogo com os professores, no fim, foi uma decepção, porque ninguém leu Paulo Freire... Deixamos de trabalhar com tema gerador e fomos trabalhar com projetos.” (Profª. Dilma)*

As propostas e os projetos eram feitos pela Secretaria. Ela determinava o que deveria ser trabalhado na escola, por fim, percebemos que não estavam sendo cumpridos os temas, nem os projetos. Ex. de temas: dengue, meio ambiente... Acabavam fazendo o que sabiam, trabalhar com o livro didático. *“É preciso entender a proposta de Paulo Freire, para que possa ser colocado em prática.”* Assim é fundamental para se colocar uma proposta em prática pensar a questão metodológica e de formação, que hoje está deficiente.

E também na formação pensar no atendimento aos deficientes, na inclusão, pois no turno vespertino há uma grande demanda de alunos com deficiência. Tem salas com 40% deficientes e 60% jovens e adultos. Há dificuldade de propiciar uma educação que é merecida na EJA: qual é o momento do avanço? Se comprometer com o aluno; não apenas fazer um trabalho e mandar o aluno ir embora; tirar a angústia dos professores, envolvidos em responsabilidades, e que estão caminhando sem ajuda.

### **Indagações, Profª. Maria Emilia:**

- Os dois grupos (SME de Goiânia e Seduc) partem de um diagnóstico? O diagnóstico é sempre um desafio à escuta do outro. Qual a visão da escola, e a visão da secretaria? Na voz dos alunos reafirmam a necessidade de conhecerem e considerarem a realidade deles, e ensinar o conteúdo articulando a esta realidade.

Como pensar o currículo para a EJA? Fala-se na EJA em partir da realidade do aluno, como isto tem sido trabalhado na formação dos professores? Quais os critérios para o professor permanecer na EJA? É só o do tempo de serviço na escola? É feita uma seleção (entrevista) ou porque o professor está perto de se aposentar?

Os alunos afirmaram que o professor da EJA no fundamental e no ensino médio tem que ter um perfil, ter um olhar diferente para o currículo e o aluno da EA. Qual seria este perfil? Quais seriam os critérios para que o professor pudesse atuar na EJA? Seria aquele que só trabalha a parte lúdica ou dinâmicas? Como entender a realidade do aluno da EJA e garantir o ensino dos conhecimentos historicamente sistematizados?

- Como está a formação continuada destes profissionais na sala de aula? Na diversidade de questões, que se apresentam a responsabilidade pela formação é de quem? A formação pedagógica é uma responsabilidade somente das escolas? Quais são os fundamentos? Como os profissionais têm chegado às escolas? A perspectiva interdisciplinar teria que trabalhar a linguagem em todos os horários? Por que aumentar a carga horária em português e matemática? Como a formação chega à escola? Aos professores/gestão e conseqüentemente aos alunos?

- Qual a forma de organização do currículo na EJA? Com a inserção da EJA no FUNDEB garante-se o lanche para os alunos e o livro didático, e com ele como fica a organização curricular, apenas a ditada pelo livro? Ou o trabalho com tema gerador e ou projetos permanece?

- Ainda a EJA é a modalidade que tem o índice de menor valor aluno (0,8). Se a taxa de matrícula não aumentar, como brigar para aumentar o valor por aluno?

Se se quer um trabalho diferenciado precisa ser garantido o momento de organização coletiva, de estudo, de planejamento, momentos de troca, garantir o direito onde o professor faz cursos. É preciso pensar: como implementar a interdisciplinaridade? E o plantão pedagógico? Como a proposta político pedagógica tem chegado às salas de aula? Qual a carga horária de trabalho dos profissionais? Os sujeitos da extensão não são os mesmos do ensino regular?

É fundamental pensar a formação continuada como uma responsabilidade individual, mas também se quer garantir a implantação de uma proposta político pedagógica, a responsabilidade do grupo gestor da SME e Seduc.

c) A Mesa Temática Ipê, intitulada **O Lugar da EJA no Plano Nacional de Educação: pontos e contrapontos** –

O professor Hudson abre os trabalhos pedindo 1 minuto de silêncio pelo assassinato dos trabalhadores rurais.

**Professora Margarida** inicia a sua fala fazendo uma apresentação do histórico do PNE desde o período do FHC, que vetou financiamento para a Educação até o Plano atual, dizendo que o momento é diferente. Este tem referência financeira, enquanto o anterior não tinha, porque o FHC vetou os 7% do PIB para educação.

A professora apresenta em seguida os artigos do atual projeto do PNE, explicando os incisos mais problemáticos do projeto: utilização da expressão erradicação, com relação à alfabetização; o cálculo do IDEB para a EJA, com exames totalmente inadequados para essa modalidade.

As Metas:

A professora vai fazendo uma leitura das Metas e chamando a atenção para a questão da idade. São estratégias que excluem os alunos após os 18 anos. Sobre a meta de 50%; A Meta 8: apresenta um limite de idade de 18 a 24 anos para elevar a escolaridade excluindo o universo da educação de adultos. Meta 9: é uma varinha mágica para dar conta. Meta 10: o Proeja não acontece em Goiás, a lei não garante essa formação. Meta 12: educação superior – lógica para expandir as bolsas. Meta 13: a estratégia das instituições privadas é fazer contratação temporária para fazer a avaliação da CAPES e depois, quem permanece no curso, são os professores que não têm título. Meta 14: é necessário ter mais professores das diversas áreas para dar conta. Meta 15: ainda hoje temos que dizer isso, que os professores precisam de graduação em licenciatura e a questão da valorização das licenciaturas. Meta 17, Meta 18, Meta 19: mérito para vinculação da contratação de diretores. Um absurdo, após tanta luta na Conae e o texto é ignorado.

Esta foi uma explanação rápida da proposta do PNE, mas queremos direcionar para as metas específicas da EJA: discordância da expressão de erradicação do analfabetismo. Analfabetismo não é doença e uma pessoa idosa tem o direito de não querer se alfabetizar. Meta 8: difícil ter deputados que aprovem a alteração proposta pela ANPED. Meta 9: retirar a expressão erradicar, chegar a 14 milhões em 10 anos é impossível. Meta 10: educação integrada com a profissional. É necessário existir um sistema adequado para o trabalhador. Isto é um enorme desafio.

É preciso parar de ter o supletivo como referência, parar de pensar a escola de adulto como um ensino aligeirado.

É preciso institucionalizar a política de EJA para todas as instituições públicas.

Gestão pedagógica e administrativa específica, pois o aluno trabalhador não é preguiçoso, ele precisa é sobreviver. Por isso o seu atendimento é diferenciado.

Não concordo com o livro didático, mas temos que admitir que é diferente ter um livro com conteúdo adequado para o adulto.

O ministério público precisa se envolver para garantir as condições de saúde e bem estar para o atendimento aos alunos adultos.

**Professora Alba Valéria – SINTEGO –**

Para falar sobre o PNE hoje, é importante ver em que contexto essa proposta se apresenta. O PNE que tínhamos não contemplava as especificidades e o projeto que aí está passou por uma ampla discussão e foi para o congresso sem contemplar essa discussão.

A professora faz a sua exposição tomando como referência a proposta (ou contraproposta) apresentada pela CNTE.

Artigo 5º: a ampliação progressiva do investimento público. Vemos que tinha que entrar agora 10% do PIB e não posteriormente, progressivamente.

Artigo 6º: Ter atos que garantam o investimento do PIB para na educação pública, nas políticas públicas, não saindo para as iniciativas privadas.

Art. 7º: O Fórum garantindo o debate e o Conselho Nacional para garantir as metas do PNE.

Artigo 8º: para garantir uma gestão democrática.

Artigo 10: Metas de expansão das redes públicas para a educação infantil. Fomentar a formação inicial e continuada de todos os profissionais da educação infantil e não somente do professor. É necessária uma formação específica, para todos que trabalham na educação. Todos têm direito a uma formação e a um piso.

Estratégia 3.13 : Discute a questão do número de alunos por sala de aula, estabelece esse quantitativo em cada etapa escolar.

Estratégia 7.26: o respeito do princípio da laicidade do Estado, para garantir o credo de cada um.

Meta 8: Elevar a escolaridade acima de 15anos de idade.

Estratégia 9.6: A EJA nas prisões. Aqui em Goiás ainda está muito precária a garantia desse direito.

Meta 11: A formação para o mundo do trabalho, ainda temos um grande número de pessoas excluídas do processo.

Meta 12: Garantir a formação superior.

Estratégia 12.7: Garantir o trabalhador com a permanência.

Estratégia 14.10: Há uma carência muito grande, por isso a permanência desta meta.

Meta 15: Para garantir a formação de licenciatura a todos os educadores.

Estratégia 15.6: É necessário garantir a educação presencial. Do contrário vira venda de diplomas e fomentação da rede privada.

Transpor a Estratégia 18.4 para 15.7. Estratégia 15.7: garantir a formação de todos os trabalhadores da educação.

Transpor a Estratégia 18.5 para 18.8. Estratégia 15.8:

Transpor a estratégia 18.6 para 15.9. Estratégia 15.9: O PDE não obriga os entes federados a aderir. A formação de nível superior para todos os trabalhadores da educação tem sido a nossa grande luta atualmente.

Estratégia 15.10: cursos gratuitos e preferencialmente público.

Estratégia 15.11: Reconhecer as especificidades do trabalho docente.

16.3: Este é o rumo de onde queremos ir: garantir um atendimento às diversidades.

Fusão das metas 17 e 18. Transpor as Estratégias da Meta 18 para 17, que passa a conter a seguinte redação: valorizar o magistério público garantindo o piso salarial. O que está estabelecido hoje pelo piso é correspondente à formação de ensino médio e nem assim os municípios querem atender.

Estratégia 17.3 passa a ser 17.4

Estratégia 19.3: Grêmios estudantis. Democracia participativa.

Estratégia 20.3: valores financeiros da camada pré-sal para a educação. 50% dos valores financeiros que compõem o Fundo Social.

Estratégia 20.5: que os dirigentes da pasta educacional sejam gestores plenos dos recursos, sob acompanhamento e fiscalização de conselhos e tribunais de contas. Recursos da educação para a educação.

Estratégia 20.7: Ampliar a verba da educação.

### **Momento de debate:**

O coordenador inicia o momento do debate trazendo algumas reflexões para a discussão. Reforma ou revolução? As políticas públicas vão dar conta do caos em que se encontra a educação? Estamos em um governo que se diz popular, que se diz do trabalhador e o que estamos vendo? A presidente não explicou até hoje, por que cortou 50% da verba pública. Pra levar pra onde?

### **Questões:**

Marcos - CME: Expõe sua indignação dizendo que não vê o PNE atendendo a nenhuma necessidade da EJA. A EJA é um patinho feio da educação e continua sendo. Os conselhos precisam ter autonomia para fiscalizar as verbas.

Helena – RME de GYN: Preocupação com relação ao atendimento dos alunos depois dos 29 anos. A expectativa é que seja colocado a partir dos 18, sem limite. Educação para a vida. Garantia da educação para todos.

Maria de Lurdes: A valorização profissional garantida em lei, independente das interpretações de governos.

Ermí: Como fica a EJA, sai da modalidade da Educação Básica?

Raquel – Itumbiara: Quer ouvir das debatedoras sobre as questões da afrodescendência. Sobre quem são os sujeitos da EJA. A obrigatoriedade da igualdade racial.

Ana Lúcia: Quer ouvir algo sobre as questões indígenas, das debatedoras.

#### **Réplicas das debatedoras:**

**Alba Valéria:** Para os movimentos sociais foi um momento histórico ter um trabalhador assumindo a Presidência, mas isso não significa uma revolução no país. Tivemos um governo de coalizão. A diversidade etnicorracial não foi respeitada. Nós vimos nesse governo a possibilidade de romper alguma barreiras. Nesse movimento vimos que agora é a hora de fazer isso virar lei, mas precisamos lutar para efetivar a lei e lutar pelo atendimento das especificidades. O negro, o índio, os ciganos, os homossexuais. Padrão burguês que cristaliza a cultura e os preconceitos. Isso se difunde dentro da escola. Eu vejo que esse governo, apesar de ser um governo de coalizão, abriu um espaço para discussão. Tivemos alguma conquista, mas dentro do foco de programas que ainda precisam ser melhorados. Então: Quem eu elegi para ser vereador? Quem eu elegi para ser deputado? Garantir o avanço na representação da sociedade. Assembléias com 50% de participação dos pais. Lutar contra o processo proposto de escolha dos diretores. Cadê o instrumento de garantia das conquistas? Quanto a essas garantias não tivemos mudanças. Por isso não tivemos uma revolução. Precisamos lutar e reivindicar junto à Presidência uma política pública de fato para a educação. Mas precisamos ter um congresso nacional com a nossa cara, elegendo nossos representantes.

**Margarida:** Nós temos que entender o que é uma democracia representativa. Nós temos aqui na universidade dois sindicatos. Eu não consigo me ver em nenhum deles. Nós também temos que nos perguntar qual é a postura que nós temos diante de todas as questões sociais e não somente na educação. Conquistamos algumas coisas com relação à educação. Baixamos a guarda e estamos vendo um retrocesso. A Educação de Jovens e Adultos não é Educação Popular. A EJA que está aqui é escolarização. Quem tem que fazer a escolarização é o Estado e não o MST. Ao MST cabe cobrar. Temos que garantir a escolarização para todos. A educação ao longo da vida não é especificidade da EJA, embora isto faça parte da reivindicação da EJA. Isto é para todos.

Com relação à limitação da idade, o sistema é autônomo. Isto é um risco, pois abre para falta de materialidade das ações. Não basta dar opinião.

Qual é a lógica de articulação do FUNDEB? As ações são feitas com dados do ano anterior. Se eu continuar dividindo miséria entre os miseráveis não vamos sair do lugar. Se eu não mudo a questão da reforma tributária, não vou garantir nada.

A Meta 9 da Anped: com relação à limitação da idade. Há uma briga para saber qual é a nossa capacidade de força. Vamos pra rua dizer que esse plano não nos atende?

A questão etnicorracial: a PL recuperou a discussão da transversalização na educação. Coloca leis e conselhos e deliberações da Conae, para dizer que a discussão da Conae foi muito mais abrangente. Essa foi uma grande discussão na Conae. O texto apresentado pela Conae é uma tentativa de contemplar as especificidades.

No caso da EJA, 70% da população brasileira têm mais de 18 anos. Desses, 74% não tem escolarização básica. Precisamos lutar por todas as possibilidades de verbas para a educação. Daí consideramos também o pré-sal.

Como é que a gente faz para que esses sujeitos que nós elegemos tenham força para lutar na defesa de nossas reivindicações?

A maioria da população da EJA é negra. Tem que ser considerado isso.

**Sônia:** Por que que o Sindicato fecha a luta por 40 horas e não 30h?

**Alba:** Não é verdade. O projeto foi mudando e ficou estabelecido de até 40h. A CNTE diz que toda jornada de trabalho tem que ser respeitada. Em cada Estado há uma jornada diferenciada e o piso precisa ser respeitado dentro das jornadas diferenciadas. Nós não defendemos jornadas de 40h, defendemos de 30h.

Coordenador Hudson: Faz alguns comentários e reflexões acerca do que foi exposto e discutido nessa mesa, encerrando os trabalhos.

Ainda no período da manhã tivemos a exposição de Pôsteres e trabalhos no hall de entrada da Faculdade de Educação. Na tarde do dia **03/06/2011**, das 13h e 30min às 15h ocorreu a **reunião por FÓRUNS REGIONAIS**, conforme os seguintes relatos:

#### **a) Fórum Regional dos Grãos**

Durante a reunião estavam presentes: Valéria Ribeiro da Subsecretaria Regional de Iporá, Sandro Stanley Soares professor do IFG de Jataí, Maria Josineide Barbosa e Lopes secretária municipal de educação de Santa Rita do Araguaia, Terezinha B. de Souza professora do IFG de Jataí, Helimar Vieira Morais representante da Seduc, representante da comissão colegiada do Fórum Goiano de EJA como coordenadora e Danielly Cardoso (UFG) e Kátia Martins (UFG) na relatoria.

Primeiramente o grupo apresentou o histórico de constituição do Fórum Regional dos Grãos, dentro do movimento do Fórum estadual. Quando saiu a proposta de organização dos Fóruns Regionais a professora Maria Lúcia e o professor Adriano ajudaram na constituição da comissão pró-fórum da Região Sudoeste, com a organização de quatro encontros pró-fóruns o primeiro e o segundo em Jataí, o terceiro e o quarto em Rio Verde.

O quinto encontro realizado na cidade de Mineiros marca constituição de fato deste fórum. Foi decidido que as reuniões seriam organizadas mensalmente, sendo itinerantes nas cidades que o compõe o fórum. Foi eleita a primeira presidente, professora Estela da regional de Santa Helena, com sua saída a professora Carmelita da regional de Iporá a substituiu tendo como apoio o professor Paulo Oliveira, representante do Sintego e a professora Vânia da regional de Jataí.

O sexto encontro realizou-se Santa do Araguaia, organizada por Maria Josineide que ofereceu a infraestrutura, a câmara municipal, e o professor Isair de Mineiros ajudou na organização. O sétimo encontro aconteceu em Iporá, contando com significativa participação dos educandos, a presença de oito municípios, quase todas as escolas da cidade tinham representantes que levaram problemáticas como: o plantão de dúvida e a formação continuada para professores. Quando acontecer uma reunião, a cidade que sediá-la deve se responsabilizar por garantir a presença dos professores e dos educandos.

O oitavo encontro, realizado em Rio verde foi uma breve reunião na qual foi apresentada a proposta do logotipo do fórum pela professora Marta, poucos participantes compareceram devido a dificuldade de recursos financeiros e uma grande quantidade de festas da cultura local. Discutiu-se o PNE, a nova constituição da delegação do Ereja. Não definiram a logomarca.

O nono aconteceu Quirinópolis, nele foi discutida a logomarca, as angustias e desafios enfrentados pelos professores, com a proposição de realização de encontros temáticos, relatos de experimentos de um professor de matemática e o encaminhamento para participação do encontro estadual, a leitura do PNE e a busca de material para o portal. A professora Adriana de Rio Verde apresentou seus trabalhos na EJA. Ficou acordado que as reuniões seriam realizadas bimestralmente devido a falta de recursos. A próxima será em agosto, com data e local a definir, ambas serão divulgadas no portal.

Para solucionar as dificuldades os integrantes entenderam que é preciso dialogar diretamente com os supervisores das subsecretarias de estado e município, mediada pela comissão do Fórum dos Grãos. Para isso a equipe se propôs a fazer uma carta aberta do fórum dos grãos, a partir da historicização do fórum com a logo. O professor Sandro chamou atenção para participação dos alunos em tudo desde a organização dos encontros e do próprio fórum.

Essa é a cara do fórum dos grãos hoje, com conquistas e desafios, Helimar falou da necessidade de buscar parcerias da secretaria de Estado, dos municípios, com as instituições privadas através do diálogo. A comissão do fórum precisa abrir espaço para o diálogo com o secretário de educação Tiago Peixoto.

Solicitar a contribuição e participação dos educadores para identificar as dificuldades, chamar os parceiros: associações de bairros, prefeituras, CDL (câmara dos dirigentes lojistas)

Dificuldades apresentadas pela secretaria de santa Rita: os trabalhadores rodam o turno de trabalho numa indústria local (ferrovia), procurar fazer um horário alternativo flexível. Tentando fazer um horário rotativo como o turno de trabalho. Criar um momento de dúvidas coletivas e articular horários formativos para os professores.

Criar um email coletivo do fórum dos grãos, tentar resgatar essa iniciativa que surgiu em outras reuniões. Iniciar a mobilização dos integrantes para organização do próximo encontro, a distancia geográfica dos municípios gera maior dificuldade de locomoção dos integrantes, este fórum foi formado por cidades que estavam soltas, não correspondem a região como um todo.

Constituição da delegação para o I Ereja, Encontro Regional da Região Centro-Oeste 19 a 23 de Junho. Alimentação, Alojamento, Translado durante o encontro. Ida e volta por conta própria. Iporá: três vagas completas, Rio Verde e Jataí: confirmar a presença de uma educanda. Sandro Stanley assume uma vaga de modo que restam três vagas para este fórum regional.

#### **b) Fórum Regional das Águas**

Rodada de apresentação: Jesiel apresenta a pauta da reunião:

Próxima reunião do Fórum Regional das Águas: local e data

- EREJA: informes e delegação
- ENEJA: informes e delegação
  
- **Informes do Regional:** Os professores comentam com relação à decepção com relação ao tratamento da EJA pelo Estado. A participação do Estado no movimento do Fórum está repercutida aqui, quando vemos a falta de participação quase que total do Estado nesse movimento. Os colegas pontuam que o movimento é sustentado pelo compromisso pessoal de cada professor que está no movimento. Muitas pontuações foram apresentadas com relação à pequena participação do Estado com relação à EJA.
- **Próxima reunião do Regional:** Está marcada para ser em Morrinhos, no mês de agosto. A agenda é na 2ª 5ª feira do mês. Então será dia 11 de agosto, 13h e 30 min. Devido ao dia do estudante a reunião ficou para o dia 10 de agosto.
- Piracanjuba convida para sediar a reunião de setembro. A reunião de agosto definirá a data da reunião de setembro.
- EREJA e ENEJA: Os professores perguntam sobre as organizações. A Dinorá explica sobre a organização do EREJA e do ENEJA.
- **Delegação redefinida para o I EREJA – CO:**
  - Val Lamer – educando
  - Guilherme – gestor (A confirmação será feita na próxima semana)
- **Novos delegados:**
  - Valéria Cristina– gestor - Caldas Novas
  - Maria Jacinta – gestor – Caldas Novas
  - Maria Eterna – Coordenadora Pedagógica - Rio Quente
  - Vilma – Educadora - Rio Quente.

- Ester – gestor - Itumbiara.
- **Delegação do XII ENEJA:** confirmação dos mesmos delegados do I EREJA. A complementação da delegação será feita na reunião de agosto, em Morrinhos. Estes poderão entrar como suplentes.

### c) Fórum Regional dos Sem Fóruns

RODADA DE APRESENTAÇÃO: Lussandra H. de Souza - São Miguel; Luiza Helena de Carvalho Assis – Ceres; Marilda Pereira de Sousa – Rubiataba; Ana Maria Xavier dos Santos -Campos Belos; Ana Serafim dos Reis - Campos Belos; Maria Helena Silva – Silvânia; Neli de Jesus Oliveira Messias e Lucelena – Goiânia.

Ouvimos inicialmente o grupo quanto aos desafios e dificuldades da EJA na região e a importância da organização do grupo em um fórum regional. Leuza falou da falta de apoio e de parceiros. Disse que no último encontro até fizeram os contatos, mas falta fortalecer o trabalho. A exemplo disso é que a subsecretaria da região já trocou duas vezes o grupo gestor.

Ana Serafim também abordou sobre as dificuldades de mobilização de alunos da EJA. E Maria Helena falou que algumas estratégias seriam anúncio na rádio, arrastão, bolsa família. Salientou-se que para a adesão do Programa Brasil Alfabetizado o prefeito tem que querer.

Houve um esclarecimento quanto à forma de organização de um fórum, por meio do relato da Maria Emilia de como foi criado o Fórum Estadual, e a importância dos Fóruns Regionais, hoje, para chegar até o chão da escola, ouvimos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Foi pontuado da importância de persistirmos na sua organização, mesmo que seja um movimento lento ao longo do processo, havendo a necessidade de identificarmos na região as instituições/organizações governamentais, não governamentais e movimentos sociais que atuam na EJA; convidá-los para participar de reuniões de articulação de uma comissão pró-fórum regional de EJA. E nós apoiaremos o trabalho, por meio de portal e com um representante do Fórum Estadual.

- **Próxima reunião para articulação do regional:**  
O grupo irá se articular na localidade e solicitar o apoio dos organizadores do Fórum Estadual.
- **Delegação redefinida para o I EREJA – CO:**  
Ana Maria Xavier dos Santos (Campos Belos); Ana Serafim dos Reis - Campos Belos; Luiza Helena de Carvalho Assis – Ceres, Maria Helena Silva – Silvânia.
- **Delegação do XII ENEJA:**  
Maria Emilia de Castro Rodrigues (UFG); Maria Helena Silva (Silvânia); Marilda Pereira de Souza (Rubiataba); Ana Maria Xavier dos Santos (Campos Belos); Lussandra Henrique de Souza (São Miguel do Araguaia).

Das 15h às 18h foram realizadas as **RODAS DE CONVERSAS**, que abordaram: **Mundo do Trabalho e EJA; Alfabetização e Comunidades EJA; Gênero na EJA; Inclusão das pessoas NEE na EJA; Idosos na EJA; Diversidade Etnicorracia na EJA; Material Didático para EJA; O currículo na EJA: os educandos dão as cartas; Educação no/do Campo e Movimentos Sociais e EJA em prisões.** Os debates tiveram como base as várias proposições construídas ao longo dos vários encontros estaduais do Fórum, assim a partir das discussões uma equipe construiu a Carta Síntese do X Encontro com as proposições que as Rodas de Conversas julgaram mais pertinentes no sentido de enfatizar a lutas desses 10 anos pelas políticas públicas de EJA. Abaixo a referida carta com as proposições:



## **Carta Síntese do X Encontro do Fórum Goiano Educação de Jovens e Adultos**

Com o ideário de educação como direito de todos e dever do Estado, o Fórum Goiano de EJA vem por esta firmar o compromisso com as instituições parceiras, na busca de superar os desafios neste campo educacional tão carente de decisões políticas e compromisso social. Dessa forma, o Fórum realiza encontros permanentes, debates e ações no âmbito local, regional e nacional que contribuem na qualidade da educação desenvolvida por essa modalidade. São objetivos do Fórum: debater e aprofundar concepções de educação de jovens e adultos; discutir, analisar e intervir na elaboração de políticas públicas e ações voltadas para EJA; articular as instituições envolvidas com essa modalidade; organizar, apoiar e participar de encontros locais, regionais e nacionais na temática de EJA; socializar as informações entre as iniciativas existentes.

Contamos com a participação de diversos sujeitos que constituem e são constituídos pela Educação de Jovens e Adultos, para assegurar a materialização dos objetivos mencionados: educandos, educadores, gestores, instituições superiores de educação, movimentos sociais, serviço social da indústria e conselhos municipais. Todas essas participações reafirmam e fortalecem o compromisso com essa modalidade de educação. Nesse sentido, o Fórum tem procurado dialogar com as esferas Municipais, Estaduais e Nacional a fim de despertar a consciência para a necessidade da valorização da EJA, buscando consolidar a construção de políticas públicas consistentes.

Com o objetivo de concretizar o compromisso social com a EJA, neste X Encontro Estadual aprofundamos as discussões sobre a identidade dessa modalidade educacional no Estado de Goiás e sobre as condições de efetivação do direito à educação de seus jovens, adultos e idosos. Nessa perspectiva, a discussão trouxe um balanço das proposições e encaminhamentos da trajetória dos 10 anos do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, que se traduzem a seguir:

### **POLÍTICA PÚBLICA**

Transformar o PROEJA em política pública, com garantia de recursos públicos, assegurando que a formação integrada traga o trabalho no seu sentido ontológico, marcado por uma formação omnilateral;

Assegurar que a verba pública seja voltada para as instituições públicas;

Governo investir na divulgação da EJA;

Buscar recursos financeiros para subsidiar as políticas de formação, bem como materiais didáticos;

Selecionar o professor que irá atuar na EJA.

Rotatividade de professores e coordenadores dificulta a formação continuada.

Faz-se necessário concursos para educadores de EJA;

Garantir uma política pública para a EJA, onde a formação do professor também tem que ser valorizada. Propiciar uma formação e profissionalização adequada deste professor.

- Resgatar a discussão feita pela Anped, CNTE, ANDEs-Sindicato Nacional para o Plano Nacional de Educação, sobre educação do campo.
- Marcar audiência com o governador e Secretário de Educação para discussão do anteprojeto de Lei que dispõe sobre a Política Estadual de Educação do Campo e o Incentivo Técnico-Financeiro às Escolas do Campo do Estado de Goiás.
- Criar políticas públicas municipal, estadual e federal comprometidas com as questões da educação do campo.
- Construir uma educação de qualidade, com financiamento para o campo.
- Coletar dados estatísticos da realidade do Campo hoje;
- Necessidade de uma política pedagógica estruturada para EJA nas Prisões inserindo a profissionalização como preconiza a LEP – Lei de Execução Penal n. 7210/84;
- Ampla divulgação e participação das entidades e instituições responsáveis pela educação nos presídios (SUSEPE/SSP-GO, SEDUC e Municípios que atuam com a EJA nas prisões);
- Organizar um projeto de curso de EJA sem aligeiramento (caráter de suplência já extinto desde 2000 para os cursos de EJA – Parecer Jamil Cury), mas que garanta os tempos necessários à aprendizagem do educando;
- Garantir espaço e profissionais para atendimento adequado dentro da unidade escolar no noturno, para acolhida dos filhos ou netos dos educandos da EJA, respeitando os preceitos legais de acordo com as questões de atendimento a crianças e adolescentes.
- Maior comprometimento da equipe gestora com o acompanhamento do processo pedagógico;
- Oferecer horários alternativos para os idosos;
- Formar parcerias com setores da saúde, como por exemplo projetos para a visão;
- Garantir turmas específicas de EJA, nos asilos, com propostas específicas
- Garantir um tempo maior na educação dos idosos, para que haja a construção de conhecimentos, com vistas a atingir a memória de longo termo;
- Garantir o avanço a qualquer época do ano, de acordo com a aprendizagem diagnosticada (garantida por meio da avaliação processual, diagnóstica, formativa);
- As secretarias (e o administrativo destas) precisam rever o conceito de evasão e passar a trabalhar com as categorias: afastamento temporário e afastamento definitivo, considerando as questões de doenças, trabalho, familiares (justificadas).
- O outro segmento que recebe o aluno da EJA precisa ter um olhar acolhedor, que compreenda o perfil e o processo de aprendizagem desse educando;
- Organização de projetos que garantam o atendimento ao idoso em espaços e horários alternativos (ex. extensão de uma escola);
- Pensar projetos alternativos para idosos que desejam um espaço educativo, mas não dar continuidade à sua escolarização (educação ao longo da vida);

Acompanhamento mais sistematizado para as turmas de alfabetização;

Mais suporte para os coordenadores do Brasil Alfabetizado;

## **FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA**

Constituir grupos de estudo com monitoria/professor de apoio.

Garantir a continuidade da escolarização sem cair no caráter compensatório.

Utilizar-se da monitoria na sala de aula para atender às dificuldades dos alunos e trabalhar com a diversidade de níveis em sala de aula

Parceria das Redes Municipal e Estadual com o IFG no oferecimento de Cursos de Especialização em EJA e Profissionalização, não somente em Goiânia, mas em outras cidades;

Realizar cursos de formação para os trabalhadores da educação que abordem o tema: educação e trabalho;

Assegurar a formação dos educadores da EJA para as novas tecnologias;

Mais investimento em formação inicial e continuada;

Formação específica para alfabetizadores de EJA;

Garantir nos cursos de formação inicial e continuada de professores nas instituições de ensino superior disciplinas que discutam sobre a EJA: quem é o aluno jovem, adulto e o idoso; seu perfil, metodologias adequadas.

Secretarias, governo federal e o Fórum, garantir formação continuada dos professores para atuarem na EJA, que entre outros aspectos ajudem a pensar o perfil do educando, as dificuldades de aprendizagem, a questão geracional na EJA.

Criar políticas de capacitação para profissionais da educação para formação étnico-racial;

Firmar parcerias e criar projeto de assessoria destinado a palestras com conhecimento na temática;

Criar grupos de estudo a distância – on line;

Falta divulgação, da pouca formação que se oferta, por parte dos sistemas de ensino;

Oficinas semestrais, com duração de 40 horas, para Progressão Horizontal, com estudo, reflexão, troca e produção de material didático, sob o apoio das instituições que se envolvem com a EJA;

Jornada pedagógica anual de EJA, com o apoio das Secretarias de Educação;

Garantir a formação continuada dos professores a partir das necessidades dos mesmos;

Garantir na formação o trabalho com projetos, tema gerados, eixos temáticos numa perspectiva interdisciplinar; sobre legislação (formas de organização da EJA, avanços);

Ter cursos que abordem sobre gênero e sexualidades e de como tratar estas questões na escola na escola;

Trabalhar com a formação de professores, principalmente em relação à inclusão;

Os cursos de formação continuada devem partir de temas propostos pelos educadores, considerando os problemas vivenciados na prática;

Discutir a questão da evasão escolar na formação de professores, para que haja o conhecimento, a adesão e a permanência do aluno na EJA;

As formações têm que ser para a escola como um todo: a partir da merendeira, da auxiliar de serviços gerais, professores;

Ter cursos a partir da escuta e necessidade dos professores para saber qual o conteúdo a ser trabalhado na formação;

Contemplar nos currículos das licenciaturas e da Pedagogia discussões sobre a EJA;

Os estágios oferecidos pelas universidades devem se voltar, também, para as turmas da EJA;

Formação antes de o professor iniciar o trabalho na EJA;

Criar cursos de formação voltados para as novas tecnologias;

Universidades devem criar cursos de graduação para formação de educadores de EJA, inclusive para educadores populares;

Universidades participarem mais nos eventos que debatem a EJA;

Universidades contribuírem com cursos, simpósios, debates e assessorias para EJA;

As universidades devem orientar pesquisas para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade para a EJA;

Universidades/faculdades oferecerem cursos de graduação e extensão (formação continuada) aos profissionais (professor, coordenador, gestor, secretário).

Na universidade é fundamental a aproximação entre teoria e prática, sendo a escola a base prática para reflexão teórica: por ex. a evasão escolar que é um problema presente na EJA (e que não envolve apenas as questões pedagógicas, mas inúmeros outros aspectos), então focar em como atacar a questão da evasão escolar – como a questão pedagógica está se dando, onde estamos falhando? Por que o aluno está saindo da escola? Como o ensino pode contribuir, a partir de uma formação do professor, para diminuir a evasão no que se refere contexto pedagógico?

É fundamental que as universidades tomem a escola/sala de aula como o grande laboratório base para estudo, reflexão teórica e recriação do espaço pedagógico;

Garantir condições para planejamento coletivo na EJA (sistemas);

Formação inicial e continuada que contemple as necessidades dos sujeitos, respeitando a pluralidade cultural e a diversidade: campo, negros, carcerária, outros;

Criar curso de licenciatura permanente para educação do campo na UFG;

Ampliar a oferta de formação de professores para atuar na EJA no campo;

A Universidade deve propor uma extensão popular para atender as populações do Campo;

Criar uma extensão popular nas Universidades, identificando os projetos sociais;

Formação de professores para atuar na Educação em presídios;

Necessidade de ampla interação das EJA's existente no sistema penitenciário para troca de experiência e conquistas de benefícios, tanto para reeducandos como para os professores; Mais Seminários, Fóruns, Palestras e capacitação nos municípios onde há a EJA nas prisões/

## **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Que a Rede Municipal e a Rede Estadual pesquisem com os alunos, quais são

- as suas necessidades / interesses em relação à formação profissional;
- Discussão/reflexão em relação ao tipo de profissionalização que queremos para a educação profissional: formação do professor, currículo, qualidade, diretrizes, como integrar formação profissional e escolaridade;
- Ampliar o número de vagas e diversificar os cursos de PROEJA.
- Garantir qualificação profissional focada no idoso e no adulto;

## **EJA COMO DIREITO E MODALIDADE**

- Que a EJA se materialize enquanto modalidade reconhecendo sua especificidade referente ao sujeito: o aluno-trabalhador;
- Assegurar o cumprimento da legislação em defesa dos direitos do aluno-trabalhador, para que possa ter tempo de trabalho e tempo de estudo na escola.
- Promover ações visando a continuidade dos estudos do educando.
- Em função da longevidade e do direito à educação, os sistemas de ensino necessitam de preparar para proporcionar o atendimento à escolarização do idoso, considerando a acessibilidade e suas especificidades (dificuldades de locomoção, visão, audição), o que demanda, entre outros aspectos: atendimento em locais próximos, adequação do espaço físico (rampas, corrimão, carteiras, iluminação etc.); articulação intersetorial (secretarias/ministérios), com vistas ao atendimento à visão, audição que interferem diretamente na aprendizagem do idoso;
- Não transferir os alunos problemas do diurno para o noturno;

## **PRINCÍPIOS E CONCEPÇÃO DA EJA**

- Dar à modalidade de EJA um fundamento epistemológico centrado no Trabalho e voltado para a emancipação dos trabalhadores para além do sistema sociometabólico do capital;
- Que se compreenda o trabalho enquanto atividade de condição humana para que a EJA possibilite ao educando a leitura do mundo do trabalho, para que este se localize e seja capaz de intervir na realidade;
- Estabelecer metodologias que busquem a formação integral por meio de componentes de contextualização com a prática;
- Promover o diálogo entre a Economia solidária na concepção ampliada de mundo do trabalho.
- Discutir o mundo do trabalho a partir do trabalho do professor e do trabalho do aluno;
- Conhecer nossos alunos e seus objetivos, responder aos seus anseios.
- Ter compromisso com a EJA de qualidade: considerando os sujeitos, alunos, trabalhadores; planejamento; aulas de qualidade; condições de trabalho; materiais didáticos adequados.
- A EJA do ensino formal, aproximar-se mais dos princípios e do trabalho da

educação popular.

### **ESTRUTURA FÍSICA E MATERIAL**

Que as secretarias facilitem a aquisição do laboratório de física, química e biologia para as escolas, desperrando o acesso a esse material;

Necessidade de infraestrutura: salas, bibliotecas, multimeios e laboratórios para a EJA;

Reestruturação física do espaço de educação.

### **VALORIZAÇÃO / APOIO AO TRABALHO DOCENTE**

Valorizar o trabalhador da educação com melhores condições de trabalho.

Assegurar e respeitar os direitos dos trabalhadores da educação

Valorizar e buscar a participação de todos os trabalhadores da educação, inclusive os administrativos das instituições escolares.

Direito a Periculosidade: Risco de vida;

Apoio psicológico aos Professores e Administrativos na escola;

Acompanhamento de agente prisional junto às aulas;

Garantir na carga horária de trabalho reunião para planejamento da educação no sistema;

### **MATERIAL DIDÁTICO**

Lutar pela construção de material didático regional e específico ao público atendido.

Assegurar a construção de material didático que trata do mundo do trabalho de forma integrada à educação básica, sob a perspectiva da formação omnilateral.

Adquirir e/ou elaborar materiais didáticos na temática como suporte para profissionais de educação;

Material didático próprio, adequado à EJA.

Compra de material didático específico para EJA escolhido pelo professor;

Assegurar recursos financeiros para aquisição de material didático-pedagógico para professores e educandos da EJA;

Produzir material didático específico para EJA, trabalhando na perspectiva interdisciplinar.

Necessidade de produção de material específico para essa educação (material didático);

### **PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM/CURRÍCULO**

Haver nas salas de aulas práticas pedagógicas que proporcionem atividades e materiais de acordo com os níveis e ritmos diferentes de aprendizagem; sem infantilização do processo de ensino;

Organização de propostas curriculares que considerem o tempo necessário para que o aluno da EJA aprenda (sem aligeirar, especialmente no caso do idoso);

Colocar no currículo disciplinas e conteúdos que interessem aos idosos;

Conhecer as necessidades e expectativas dos educandos, em relação ao mundo do trabalho.

Concepção de currículo que realmente atenda a realidade da EJA, que surja das necessidades vividas pelos educandos e educadores.

As propostas pedagógicas de EJA devem se pautar numa abordagem sócio-interacionista, de formação integral do ser humano.

Pautar a questão do Currículo e a produção do conhecimento na EJA: o que ensinar, como ensinar, e para que ensinar considerando a diversidade do educando e as contribuições históricas da EJA;

Garantir o conhecimento da proposta curricular de EJA do 1º e 2º segmentos (sistemas);

Incluir uso de computadores e outras novas tecnologias no projeto político pedagógico da escola, como recurso pedagógico e não definindo a prática do professor.

Fomentar a cultura de que o aluno não vai aprender “apenas” ler e escrever, mas que a aprendizagem aborda diversos saberes, numa perspectiva interdisciplinar.

Contemplar a diversidade do campo no processo de ensino-aprendizagem dos educandos, nos aspectos educacionais, culturais e outros.

Criação de currículo para EJA no campo, nos assentamentos e nas turmas especiais como cadeias, asilos, casas de recuperação, com propostas específicas de trabalho para esses grupos.

O Currículo das Escolas do Campo deve valorizar a cultura camponesa;

Divulgar e defender as Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo;

#### DIVERSIDADE/ EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSÃO

Ter diagnósticos médicos para alunos das escolas (CID);

Ter apoios nas salas de aulas, pessoas especializadas, capazes de dar apoio aos professores e alunos especiais;

Mapear e incentivar pesquisas relacionadas as questões etnicorraciais – e repassar a todas as unidades escolares;

Promover ações para repensar e ou combater o racismo, principalmente, na escola.

#### FÓRUM E MOVIMENTOS SOCIAIS

Mobilizar a sociedade civil (entidades filantrópicas, estudantes, intelectuais, professores, Fóruns etc.), os governos para fazer a EJA acontecer;

Fortalecer o Comitê Executivo de Educação no Campo.

Apurar os assassinatos de camponeses.

Popularizar a lista da CPT sobre a relação de pessoas ameaçadas de morte.

Cobrar da SEDUC um posicionamento claro em relação ao Projovem Campo.

Criar condições para que os pequenos produtores possam produzir para gerar renda por meio de cooperativas, associações.

Fortalecer o Comitê de Educação do Campo do Estado de Goiás (CECEG).

Garantir a EJA no campo, nos assentamentos e nas turmas especiais como cadeias, asilos, casas de recuperação, com propostas específicas de

trabalho para esses grupos.  
Criar escolas no/do campo na própria comunidade, pois transporte escolar não é solução para educação do campo.  
Trabalhar a pedagogia da alternância.  
Ampliar a discussão sobre a educação do campo.  
Desconstruir concepções discriminatórias sobre os povos do campo.  
Manter a identidade do camponês por meio de uma educação diferenciada.

Na manhã do dia 04/06/2011 foi realizada a PLENÁRIA FINAL. Começamos a manhã com Contadores de história e causos. Na sequência Márcia fez alguns esclarecimentos sobre a organização do nosso X Encontro Estadual, os desafios cotidianos, nossas condições, parcerias e apoios estabelecidos com o SESI, Restaurante Universitário e Economia Solidária na expectativa de melhor acolher e atender os participantes do X Encontro Estadual do Fórum de EJA. Em seguida, houve a socialização das reuniões dos Fóruns Regionais, já constituídos e daqueles em fase de organização. Enfatizou-se o Portal [www.forumeja.org.br/go](http://www.forumeja.org.br/go) como instrumento de articulação entre os fóruns. Socialização dos desafios, denúncias e proposições e encaminhamentos das Rodas de Conversas. Márcia esclareceu sobre o I EREJA, previsto para 19 a 21 de junho de 2011, afirmando o objetivo de aprofundar a compreensão acerca das fragilidades e potencialidades que caracterizam a Região Centro-Oeste e fortalecer o intercâmbio entre os representantes dos segmentos que compõem os Fóruns de EJA, com vistas a construir e efetivar alternativas para melhoria da EJA ofertada na Região Centro Oeste. Em seguida falou sobre XII ENEJA que também acontecerá nesse ano, mês de setembro. O objetivo desse encontro nacional é discutir sobre as políticas públicas de EJA, com vistas a construir e efetivar alternativas para melhoria da EJA ofertada no Brasil. Márcia esclareceu sobre a composição da delegação e em seguida passou para consolidação das duas delegações, para EREJA e ENEJA. Na sequência passou para leitura do documento síntese e aprovação do mesmo, para ser entregue aos dirigentes de EJA das redes municipais e estadual, conselhos municipais e estadual e universidades. Composição da Mesa Oficial.

**Equipe de relatoria:** Cláudia B. Costa, Dinorá de Castro Gomes, Esmeraldina dos Santos, Helimar Vieira, Maria Emilia de Castro Rodrigues, Márcia P. Melo.